

Unidades de Desenvolvimento Tecnológico podem se inscrever até final de julho no edital Qualitec 2014

As Unidades de Desenvolvimento Tecnológico – UDTs (espaços físicos com equipamentos que desenvolvem atividades de pesquisa, extensão e serviços) podem se cadastrar até 30 de julho no edital Qualitec 2014, coordenado pelo Departamento de Inovação da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa. Como projeto de qualificação para profissionais de nível superior e técnico, o objetivo geral do edital Qualitec é proporcionar o aperfeiçoamento profissional e a formação acadêmica voltada para a utilização dos equipamentos inclusive em laboratórios de alta complexidade e na gestão das incubadoras. É um programa de qualificação específica, desenvolvido e aplicado na UERJ.

Tanto os novos cadastros como as atualizações das Unidades que foram contempladas com bolsa no edital Qualitec 2013 podem ser feitos no endereço <www.sr2.uerj.br/inovuerj>. Unidades administrativas e acadêmicas do *campus* Maracanã e de outros *campi* da UERJ podem participar.

O edital prevê duas fases: a primeira é de cadastramento das UDTs e a segunda compreende a análise das propostas que vão concorrer a bolsas para profissionais de nível superior e/ou técnico. Na fase de cadastramento, a UDT deve ser confirmada pela direção da unidade acadêmica ou administrativa à qual está vinculada. O cadastro no Qualitec 2014 exige que as Unidades de Desenvolvimento Tecnológico comprovem: atividades desenvolvidas, artigos publicados pelos seus integrantes, equipamentos existentes, fomentos recebidos, livros publicados, parcerias estabelecidas, produtos,

COMO PROJETO DE
QUALIFICAÇÃO PARA
PROFISSIONAIS DE NÍVEL
SUPERIOR E TÉCNICO, O
OBJETIVO GERAL DO EDITAL
QUALITEC É PROPORCIONAR
O APERFEIÇOAMENTO
PROFISSIONAL E A
FORMAÇÃO ACADÊMICA

projetos sociais, serviços, quantitativo de teses e dissertações com as quais os membros das Unidades estiveram envolvidos e palavras-chaves que indicam a área temática da pesquisa. Nesta fase são atribuídos pontos de acordo com a quantidade comprovada.

A segunda fase ocorre em seguida ao cadastramento. Segundo o calendário do edital de 2014, as UDTs deverão inscrever seus projetos no mesmo endereço eletrônico, no período de 1º a 30 de agosto, para concorrerem a 30 bolsas destinadas a profissionais de nível superior (40 horas semanais) e/ou a 15 bolsas para profissionais de nível técnico (30 horas semanais). As bolsas têm duração de até 36 meses (três anos). Os

projetos são avaliados por um comitê do qual fazem parte representantes da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços, do CEFET/RJ, do Inmetro e da UERJ. Para obter a bolsa o projeto deve apresentar as seguintes informações: área de conhecimento da proposta; inovação e criatividade nas atividades desenvolvidas; contribuição para a formação profissional nas áreas de graduação e extensão, para a pós-graduação (pesquisa) e para a docência; interação com a sociedade, processos e produção e, ainda, integração da equipe.

Para a professora Marinilza Bruno de Carvalho, diretora do InovUerj, o projeto Qualitec contribui para que a Universidade cumpra a sua missão de gerar mão de obra qualificada e também de desenvolver projetos em parceria com a sociedade e o governo: “Na medida em que geramos profissionais de qualidade, atentos ao mercado e preparados para a mudança, nós prestamos um serviço à sociedade. O Qualitec auxilia nesse sentido ao promover projetos, produtos e serviços que contribuem para a população como um todo”.

ALGUNS BENEFÍCIOS DE SE CADASTRAR COMO UDT

- Maior visibilidade do projeto na Universidade
- Possibilidade de planejamento de pessoal
- Cadastramento de serviços no cartão BNDES
- Identificação com codificação na SRH
- Divulgação de portfólio de projetos, produtos e serviços
- Certificação pelo Inmetro, inclusão no balcão de negócios com a Firjan e possibilidades de parcerias, proteção autoral e desenvolvimento de cursos e projetos.

Projeto de extensão trabalha com filosofia para crianças e adultos em escolas públicas de Duque de Caxias

Desenvolvido com crianças, jovens e adultos em duas escolas de Duque de Caxias, na região metropolitana do Rio de Janeiro, o projeto de extensão intitulado “Em Caxias, a filosofia em-caixa?” tenta redimensionar o papel da filosofia na prática escolar, com a proposta de oferecer um novo sentido para o ensino da filosofia: tem caráter político-pedagógico abrangente e é desenvolvido em escolas que se interessam pela formação crítica, comprometida com a transformação dos alunos e da realidade social em que eles se inserem.

O projeto recebe apoio da FAPERJ e foi criado em 2007 para ser desenvolvido em parceria com a escola municipal Joaquim da Silva Peçanha. Em 2009, a escola municipal Pedro Rodrigues do Carmo somou-se à parceria. Na UERJ, está inserido no Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância (NEFI), do Programa de Pós-Graduação em Educação. O Núcleo funciona como um espaço de ensino, pesquisa e extensão

formado por professores e alunos de graduação e de pós-graduação da Universidade e de outras instituições que estudam as conexões entre a filosofia, a educação e a infância. O coordenador do projeto é o professor Walter Omar Kohan, do Departamento de Estudos da Infância da Faculdade de Educação. Ele explica que a iniciativa pretende “ajudar professores a repensar a sua prática através da experiência da filosofia com crianças e adultos, já que trabalhamos com crianças não apenas no sentido cronológico, mas no sentido da dimensão infantil da vida e da experiência”. Para ele, a experiência com crianças e adultos em alfabetização é gratificante porque “recupera a paixão e a alegria por pensar, por voltar a pensar o que já não pensávamos, a pensar como se nunca tivéssemos pensado e como se pensássemos pela primeira vez”.

Um dos resultados desse trabalho foi a participação do professor Kohan, em

abril deste ano, da Jornada de Filosofia da Educação – que debateu o tema “Existe um lugar para a filosofia nas atividades de um professor?” – realizada em São Petersburgo, no Instituto de Formação de Professores e Educação de Adultos da Academia Russa de Educação. O convite partiu da pesquisadora Margarita Kozhevnikova, da Academia Russa de Educação. Segundo o professor, existe a perspectiva de iniciar na Rússia experiências semelhantes às desenvolvidas no Brasil e o evento foi o primeiro passo para isso. Na Jornada ele fez a palestra “Filosofar com crianças na América Latina: um exemplo, uma inspiração, aprendizagens e sentido” e coordenou o minicurso intitulado “Experimentar o pensar; pensar a experiência”. A palestra tratou das especificidades do trabalho desenvolvido na América Latina e no minicurso os participantes trabalharam com a experiência do pensar filosófico.

Psiquiatria do HUPE faz homenagem à memória do professor Washington Loyello

“O homem não pode ser entendido fora do seu meio, que é o meio social”. Esse foi o pensamento que guiou a carreira do professor Washington Loyello, lembrado na homenagem promovida em sua memória pelo serviço de psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto em 27 de maio. Professor adjunto da UERJ falecido em 2007, ele foi chefe da Assistência da disciplina Psiquiatria e Psicologia e escreveu o livro *Para uma psiquiatria da libertação*. No evento realizado no anfiteatro que leva seu nome, foi inaugurado um quadro com sua foto doado pela família.

Loyello iniciou sua carreira no antigo hospício da Praia Vermelha na década de 40. Em 1948 foi nomeado médico interno do Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, onde em 1963 passou a exercer o cargo de diretor. Durante o curto período em que esteve na direção, apoiou o trabalho da Dr^a Nise da Silveira e montou um laboratório de fabricação de remédios psiquiátricos a baixo custo. O golpe militar o afastou da direção do CPN



Da esq. para a dir.: professores Marco Antonio Brasil e Miguel Chalub e Yvone Loyello

e o puniu com exílio na Colônia Juliano Moreira durante dois anos. Na década de 1970, o professor iniciou a transformação da assistência psiquiátrica convertendo o Hospital Gustavo Riedel no Centro Psiquiátrico Pedro II, onde reduziu as internações e o tempo de permanência dos pacientes nas enfermarias.

Márcia Loyello, sobrinha e afilhada do professor homenageado, esteve presente à homenagem juntamente com a irmã do professor, Yvone Loyello. Ela lembrou a capacidade que seu tio demonstrou em toda a trajetória profissional: “Sua grande vocação foi o humanitarismo, sempre esteve voltado para o ser humano

– quanto mais as pessoas cresciam junto com ele, mais realizado ele se sentia”. Miguel Chalub, psiquiatra e professor aposentado da UERJ, foi amigo e parceiro de profissão de Loyello. Ele registrou a contribuição humanitária deixada pelo homenageado: “Com ele, a Psiquiatria deixou de ser uma especificidade médica para ser também humana. Passou a ver o paciente não como um doente apenas, mas como um ser humano inserido no contexto social”. Ana Cristina da Cruz, ex-aluna do homenageado, contou que participava do grupo que frequentava regularmente a casa dele no Grajaú para debater assuntos das áreas de Psiquiatria, Filosofia, Sociologia e Psicanálise: “O professor Washington foi uma pessoa ímpar, mestre que formou gerações de psiquiatras e impulsionou o conhecimento do campo. Os profissionais que conviveram com ele carregam um pouco dos seus ensinamentos na prática clínica e no contato com os pacientes através do respeito ao ser humano”.

Carlos Eduardo Veloso de Almeida, Coordenador do Laboratório de Ciências Radiológicas do IBRAG UERJ



Coordenador do Laboratório de Ciências Radiológicas do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes desde 1993, o professor Carlos Eduardo Veloso de Almeida é o único representante latino-americano a integrar a lista dos 50 pesquisadores selecionados para marcar o 50º aniversário da Organização Internacional de Físicos Médicos (IOMP, na sigla em inglês) pela relevância da sua contribuição para a área. A lista foi divulgada durante a Conferência Internacional de Física Médica de 2013 ocorrida em Brighton, na Inglaterra. Nesta entrevista, o professor fala sobre a escolha de seu nome entre os cerca de 40 mil físicos médicos no mundo, sobre o que o levou a escolher a Física Médica como carreira e sobre o que pretende fazer a um ano de se aposentar.

Do que trata a Física Médica? O que faz um físico médico?

Como a própria nomenclatura sugere, a Física Médica é a parte da Física que é utilizada para fins médicos; um ramo multidisciplinar que agrega conhecimentos da Biologia e da Medicina. Enquanto pesquisa, ou “Física Médica pura”, estuda principalmente a maneira como determinados materiais biológicos se comportam quando expostos à radiação. Quando aplicada, a Física Médica atua fundamentalmente nas áreas de diagnóstico por imagem e radioterapia. O trabalho do físico médico, profissional com graduação em Física e algum tipo de especialização em Física Médica, visa à segurança no uso da radiação e à eficácia tanto dos exames radiológicos, como dos tratamentos médicos prescritos com o uso da radiação. No Laboratório de Ciências Radiológicas do IBRAG fazemos, por exemplo, a vistoria de todos os serviços de radiologia do estado do Rio de Janeiro. Essa vistoria é exigida pela Vigilância Sanitária a cada estabelecimento que se proponha a trabalhar com esse tipo de serviço. Sem o nosso laudo, o estabelecimento não pode receber a licença para operar.

Quando surgiu o seu interesse pela Física Médica?

Meio ao acaso, como consequência de uma oportunidade. Em 1966, eu estava cursando o terceiro ano da graduação na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, quando me ofereceram um estágio no Hospital Aristides Maltez, referência no tratamento de câncer. Na época, havia pouquíssimos físicos médicos no Brasil (apenas quatro) e nenhum deles estava nesse Hospital. Sem orientação, tornei-me

praticamente um autodidata. Três anos depois, quando já havia me formado, um perito da Agência Internacional de Energia Atômica veio visitar o Brasil e, conhecendo o meu trabalho no Hospital, ofereceu-me uma bolsa de um ano para fazer um curso de aperfeiçoamento na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Acabei ficando lá por mais tempo – para outro curso de aperfeiçoamento, depois para o mestrado e para o doutorado. Ou seja, encantei-me pela profissão.

Como foi a sua indicação para a seleção dos 50 pesquisadores mais célebres, promovida pela Organização Internacional de Físicos Médicos?

A IOMP – maior organização de físicos médicos do mundo, com cerca de 20 mil membros de 84 países – convidou outras organizações para indicarem físicos médicos e profissionais afins, cujas contribuições para o desenvolvimento das áreas de Física Médica e de Saúde tivessem sido relevantes em âmbito nacional e regional. Em seguida, a Organização formou um comitê para afunilar essa primeira seleção: dos cerca de 300 profissionais indicados, 50 foram escolhidos para compor a lista, criada para marcar a comemoração dos 50 anos da IOMP. Parece-me que a produção científica e a contribuição para a formação de recursos humanos foram bastante observadas. Acho que pesaram também o número de alunos orientados e a minha participação em vários países da América Latina, por meio de convocações da Organização Mundial da Saúde e da Agência Internacional de Energia Atômica, para ajudar centros de tratamento de câncer. Dos países da América Latina, o único que

não visitei foi o Paraguai. E em cada um deles passei uma ou duas semanas treinando pessoas ou avaliando condições de equipamentos e de tratamentos.

O que representa esse reconhecimento para a comunidade científica e para o senhor?

Vejo-o como a coroação de um trabalho que não seria possível sem o apoio da Universidade. A UERJ foi fundamental para que a minha atuação profissional chegasse a ter esse reconhecimento. Por outro lado, sinto-me pessoalmente realizado e lisonjeado por saber que aquilo que faço, além de ser importante, é percebido como tal. Isso é muito prazeroso, principalmente quando se está perto dos 70 anos, a menos de um ano da aposentadoria.

O que o senhor pretende fazer ao se aposentar? Continuará trabalhando?

Começo desde já um planejamento estratégico de cinco anos para o Laboratório de Ciências Radiológicas. Quero deixar uma linha mestra para os meus sucessores na Universidade. Acredito que em meados de agosto de 2014 eu e minha equipe já estejamos com esse projeto pronto. Vivo hoje o que acontece na relação com um filho: ele cresceu e cabe a mim deixá-lo caminhar com as próprias pernas. Se me solicitarem, certamente darei orientações com o maior prazer. Mas não pretendo interferir diretamente na vida do Laboratório. Penso em continuar trabalhando, mas apenas com consultorias – principalmente para a Fundação do Câncer, ligada ao Instituto Nacional do Câncer – e também escrevendo sobre as minhas experiências na Física Médica.

Projeto binacional na área de Física pretende inovar em exames de câncer de mama

Uma colaboração entre o Instituto de Física da UERJ e o Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas de Portugal (LIP) pode trazer para o Brasil um novo método para o exame de câncer de mama, com potência na precisão de diagnósticos até dez vezes maior que o modelo existente. O projeto é coordenado no Brasil pelo professor Alberto Santoro, do Departamento de Física Nuclear e Altas Energias, e pretende inserir no mercado brasileiro protótipos da PEM (sigla em inglês para *Positron Emission Mamography* – mamografia por emissão de pósitrons), que resulta em avaliação menos invasiva e mais precisa do estado das pacientes.

O protótipo PEM recorre a pesquisas em Física de Altas Energias para aumentar a eficiência dos exames de câncer de mama, resultando em maior clareza das radiografias. Os primeiros protótipos foram desenvolvidos pelo laboratório português em 2002, sob a coordenação do pesquisador João Varela, e ganhou destaque depois da instalação de aparelhos em hospitais de Coimbra, Marselha (França) e Milão (Itália). O protótipo é um avanço em relação à técnica PET (sigla para *Positron emission tomography* – tomografia por emissão de pósitrons), que detecta as células cancerosas pela emissão de pósitrons. A maior parte dos equipamentos PET usados atualmente são de corpo inteiro, o que impede detectar com precisão o tumor de mama. Já o sistema PEM permite o exame detalhado e específico da região da mama.

A colaboração entre os professores Alberto Santoro, João Varela e o diretor do LIP, Mariano Gago (ex-ministro de Ciência e Tecnologia de Portugal), contribuíram para trazer o projeto para o Brasil, principalmente a partir da construção de um laboratório de instrumentação de partículas nos mesmos moldes do laboratório português. Com custo de



Primeiro protótipo produzido pelo grupo LIP de Lisboa

construção de seis protótipos avaliado em US\$ 5 milhões, a previsão é de que o equipamento seja uma versão melhorada da versão portuguesa: “A nitidez de uma foto do tumor da mama é proporcional ao tempo de captação dos fótons e dos pósitrons da mulher. A ideia é diminuir o tempo de construção dessa imagem”, explica o professor Alberto Santoro.

A preocupação e a urgência no desenvolvimento de novas tecnologias nesse setor resultam do número alarmante de casos de câncer de mama no país: segundo dados de 2013 do IBGE, a mortalidade por câncer de mama entre brasileiros de 30 a 69 anos foi de 17,4 por 100 mil habitantes em 1990, enquanto em 2010 evoluiu para 20,4 – um aumento de 16,7%. Para o professor Octávio Vargens, da Faculdade de Enfermagem e ex-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Enfermagem, Mulher, Saúde e Sociedade, o aumento no número de casos pode estar relacionado a dois fatores: a melhora na qualidade da coleta de informação sobre os casos existentes e o aumento dos fatores de risco ligados a hábitos de vida (os brasileiros vivem cada vez mais em realidades semelhantes às de países industrializados no que se refere à alimentação e poluição, por exemplo). O professor Octávio destaca, porém, que parte da mortalidade por tumor no Brasil se deve à falta de diagnóstico precoce:

“Muitas vezes, quando se descobre a doença ela já está em fase avançada, que exige um tratamento muito agressivo”.

Dados do Instituto Nacional do Câncer mostram que no Brasil o câncer de mama é a maior causa de mortes pela doença entre mulheres. Em 2011, foram 13.345 óbitos, dos quais 120 homens e 13.225 mulheres. A estimativa do INCA e do Ministério da Saúde é de que este ano sejam registrados 57.120 novos diagnósticos. O professor Octávio diz que toda tecnologia que facilite exames desse tipo é bem-vinda, mas faz um alerta: “O acesso ao exame é fundamental. Não se pode ter tecnologia se esta não chega a todos”.

Sobre a oportunidade de exames, o professor Alberto Santoro explica que o projeto inclui a necessidade de reflexão sobre a sua efetivação e eficácia em relação ao aspecto industrial (quem vai fabricar e comercializar), à assistência técnica (com o estabelecimento de parcerias com escolas técnicas para capacitar profissionais que deem suporte técnico ao produto), e à descentralização intelectual do projeto, para que não esteja ligado exclusivamente a uma universidade e se caracterize como uma organização social. Algumas instituições já se interessaram pelo projeto – como a Universidade do Estado do Amazonas, que pediu a sua inclusão no projeto financiado pelo CNPq.



Reitor: Ricardo Vieira **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira **Informe UERJ – Edição de texto:** Graça Louzada **Apuração:** Fausto Jr., Lorena Forti, Mirella Arruda e Ricardo Nicolay **Fotos:** Thiago Facina **Projeto Gráfico e editoração:** Rafael Bezerra • **Tiragem:** 1.000 exemplares

Impressão: Gráfica UERJ • **Contato:** comuns@uerj.br